

AS MEDALHAS PREMIIAS DA ACADEMIA DE BELAS ARTES DA BAHIA

Prof. Dr. OTÁVIO TORRES

A Academia de Belas Artes da Bahia foi fundada a 17 de Dezembro de 1877, por Artistas, cientistas e também por homens empreendedores e amantes das Belas Artes Pintura, Escultura, Música e etc.

Foram seus idealizadores os artistas Miguel Navarro y Cañizares, natural da Espanha e João Francisco Lopes Rodrigues, artista baiano, aos quais se incorporaram cheios de entusiasmo e patriotismo Dr. Virgílio Climaco Damasio, o Engenheiro arquiteto José Allioni, chegado recentemente da Europa, Dr. João Francisco Lopes Rodrigues Filho, Manoel Silvestre Lopes Rodrigues, Professor Austrícliano Francisco Coêlho e o Farmacêutico Amaro Lellis Piedade (jornalista).

Antes do 1.^o aniversário da fundação da Academia de Belas Artes, em sessão de 22 de Julho de 1878 — resolveu a Congregação, por proposta do seu Diretor, professor Cañizares

“que se deliberasse sôbre os premios, que devem receber, no fim do Curso os alunos, que mais se distinguissem, lembrando para este fim, se deveria

“mandar vir de Paris medalhas de ouro, prata e cobre; Depois de algumas considerações do Snr. Allioni (Tesoureiro), ficou adiada a discussão desta

“proposta, para quando houvesse maior numero de “professores na sessão” e em 20 de Agosto foi adiada

“a proposta das encomendas das medalhas” —

“que devem servir de premios aos expositores tendo

“sido aprovada e autorizada a proposta em sessão

“de 3 de Setembro do mesmo ano, — ficando desde

“logo decidido — “só serão aceitos para Exposição

“trabalhos propriamente das Belas Artes, ou daquelles, que com ellas tiverem relação; Tambem foi decidido que se mandem vir de París dez medalhas de ouro, vinte de prata e quarenta de bronze, para premios dos expositores que as merecerem.”

A Congregação já tinha resolvido promover uma Exposição dos trabalhos de alunos a fim de comemorar o primeiro aniversário de sua fundação e na Sessão de 10 de Setembro de 1878, “o professor Allioni apresentou diversos modelos de medalhas, que poderão servir para premiar-se aos alunos e mais concurrentes à Exposição de 15 de Dezembro; e fez algumas considerações acompanhando-lhe os professores Cañizares e Austricliano Coêlho, depois das quais decidiu-se que as ditas medalhas de 23 centímetros sôbre 32 (Há engano nos números referidos, pois se trata de milímetros e depois de medidas verificamos que as referidas medalhas têm 32 milímetros de diâmetro, por 3 e 1/2 na sua maior espessura), sendo um dos lados de N.º 16.742, (trata-se com certeza de N.º de série do Catalogo de Medalhas, pois o Liceu de Artes e Offícios da Bahia tem distribuido, após suas Exposições, medalhas premiaes com o mesmo anverso, porém de diâmetro um pouco maior) “o outro, isto é, dizemos nós, o reverso de N.º 15.771, com 7 gramas de peso conforme o modelo, custando cada medalha de ouro trinta francos; cada uma de prata — dous francos e 50 centímetros(?) (diz a ata, mas pensamos que se trata da moeda centimos) e as de bronze 90 centímetros cada uma, sendo todas no valor presumivel de 386 francos” (O franco devia custar 200 a 250 réis cada um; uma libra custava, em 1889, no fim do Império, apenas 8\$000 e libra ouro. Belos tempos, que não voltarão mais nunca, dizemos nós.

“Decidiu-se tambem que fossem comprados dez estojos para medalhas de ouro a custo de um franco cada um e mais 60 bocêtas a custo de 50 centimos (centimos devia ser), para as outras tendo tudo sido

‘aprovado, ficou o prof. Allioni, actual thesoureiro, “autorizado fazer a encomenda para a Europa.”

A Congregação, da então, Academia de Belas Artes, (no princípio da República, depois da Reforma Benjamin Constant, a Academia de Belas Artes, ficou como a antiga Academia Imperial de Belas Artes, denominada Escola de Belas Artes da Bahia e por causa desta mudança, colocou-se, no frontespício do Edifício uma placa comemorativa) a Congregação, repetimos, resolveu fazer a Exposição comemorativa do 1.º aniversário, no dia 15 de Dezembro de 1878 e para isto organizou um Regimento, o que ficou resolvido na Congregação de 17 de Setembro de 1878.

Fazendo a história da Medalha Premial e da Exposição, que devia premiá-la, não nos furtamos ao dever de transcrever alguns trechos das atas referentes ao assunto.

Na Congregação de 17 de Setembro de 1878 (há portanto 75 anos passados)

“tratou-se do — Regulamento das Exposições para “organizar o qual foi nomeada uma Comissão, tendo “sido eleito relator o professor Cañizares. Este professor apresentou um trabalho, que discutido nesta “mesma Congregação, foram aprovados os artigos “de 1 a 4 de 5 a 16, com a suppressão da palavra “poesia”, de 17 a 18 de 23 a 36, de 39 a 40, com emendas “dos artigos 19 a 22 e 37, tendo tomado parte na “discussão os professores Allioni, Piedade e Cañizares”. “Não tendo sido aceita “Poesia”, para fazer “parte da Exposição, o Snr. Lellis Piedade requereu “que durante aquelle periodo fosse aberto um Certaine Poetico, assim como outro musical, annunciando-se previamente os dias designados para esse fim.”

Ainda sôbre a Exposição, na Congregação de 5 de Novembro de 1878 “o Director communicou ter ordenado a impressão dos convites para a Exposição ás pessoas que “podessem concorrer aos Certamens e o professor Allioni, que leu a resposta da encommenda das meda-

“Ihas, que devem servir de premios, assegurando a “sua *“promptificação”* e vinda a tempo, do que ficam scientes os outros membros da Congregação.” “O Diretor apresentou “o modelo dos Diplomas para “os Expositores que fossem premiados” — o que foi “aceito”.

Ficou marcada a abertura da Exposição para o dia 15 de Dezembro de 1878. O Snr. José Francisco Tavares comunicou o desejo de concorrer à Exposição, uma vez que fôsse permitido pelo Inspetor do Arsenal de Marinha”, — verdadeira de Artífices brasileiros.

Quando nós formamos em medicina, em 1909, e que entramos, em Agosto de 1910, como médico da Cia. Loide Brasileiro, ouvíamos dizer, que os maquinistas ou outros artífices, que se candidatavam a maquinistas, ou outras profissões de bordo, o que deveriam ter sido alunos do Arsenal de Marinha ou do Arsenal de Guerra, não precisavam de recomendação de ninguém, muito menos dos empenhos políticos, pois tinham, com muita razão, competência para os lugares, que se candidatavam. E, nós, médicos baianos, que pertenciamos ao Corpo de Saúde da Cia. Loide Brasileiro, e, que na ocasião éramos sempre em grande número, ficávamos orgulhosos de dar os atestados de saúde e de vacina contra a Varíola, necessários à matrícula destes artífices na Capitania do Pôrto.

Êsses Arsenais foram fechados e extintos em 1890 e tantos, por um ato impensado de um Presidente de República, de então, assim como, suspensas tôdas as obras de Estradas de Ferro, que estavam em construção. Medida de Economia!! Infeliz ato de um momento impensado. Os nossos Arsenais representaram sempre as melhores Escolas profissionais, dirigidos (Arsenais) por técnicos da maior competência, construíram muitos navios de guerra, que prestaram os maiores serviços durante a guerra contra o Paraguai. Lamentamos sinceramente o ato que dissolveu êsses Arsenais.

Ainda sobre a “Exposição” houve outras providências para completo êxito da mesma.

Na Congregação de 30 de Novembro de 1878 “o Diretor lembrou a necessidade de duas comissões para a Exposição

uma para cuidar dos convites para a solenidade; outra para preparar a Casa e velar sobre o movimento interno durante a mesma Exposição. Para a 1.^a fôram eleitos — Dr. Virgilio Damazio, Dr. João Lopes Rodrigues, Dr. José Allioni, Farmacêutico Lellis Piedade e Manoel Lopes Rodrigues e para a 2.^a — Cañizares, Austricliano, Dotto, Adelelmo. Esta última ficou encarregada de fazer tudo que fôsse preciso para o brilhantismo da Exposição de acôrdo com as reservas (“com as fôrças da Academia”), da Instituição.

Na Congregação de 5 de Dezembro de 1878 discutiu-se um artigo do Regulamento da Exposição’ “no qual existe uma disposição pela qual se exigia de cada pessoa que a viesse visitar uma quantia e neste sentido ia fazer o edital. Virgilio Damazio discute e propõe que a visita ao público fôsse franqueada gratuitamente e que ela se estendesse até à noite. Allioni propõe “seja instalado o Gaz encanado com a maior economia, de modo a não afetar o estado actual do cofre”.

Não encontramos em outras atas nenhuma notícia sobre a Exposição. Seria interessante saber quais foram os primeiros alunos premiados, quais os trabalhos apresentados, etc. Verificamos em atas do ano immediato, isto é, 1879, “uma petição de dous presos da Penitenciaria, Olavo Gomes dos Santos e José Ribeiro de Souza — pedindo que a medalha de ouro, conferida pelo Jury da Exposição à Oficina de marcenaria ali existente lhe fôsse dada visto como attribuido em favor dos artefactos por elles feitos e expostos. Resolveu-se ouvir o administrador da Penitenciaria, assim como ao mestre da respectiva officina”.

Ainda ligada ao requerimento dos dous penitenciários, resolveu a Congregação, em sessão de 24 de Março de 1879, “tendo deliberado, após a informação do Diretor da Penitenciária, que no mesmo Diploma já conferido à Officina fôssem inscritos os nomes dos referidos presos, como autores e expoitores dos dous artefactos, aquí expostos, na 1.^a Exposição: que d’esse Diploma assim como da medalha de ouro fôsse depositaria a Officina; que finalmente para garantia de cada um dos representantes, lhes fôssem dados dous certificados passados pela Secretaria.

Não sabemos se houve continuidade nessas Exposições, se elas se repetiram regularmente e anualmente. Pensamos que não.

Quando nos matriculamos, em fins de 1896, na Escola de Belas Artes, durante o Govêrno do Consr.^o Luiz Vianna, um dos Governadores mais progressistas, na chamada 1.^a República, e que deixou traços vibrantes da sua simpatia pela Escola de Belas Artes, tornando-se um dos maiores beneméritos da Escola, houve uma Exposição dos trabalhos de alunos em 1897 ou 1898, com distribuição de prêmios, etc. O nosso conterrâneo o grande artista Presciliano Silva levantou um dos prêmios — Medalha de ouro, pensamos que no Curso de Modelo vivo de Escultura, medalha de ouro e no Curso de Desenho, se não nos falha a memória conseguiu, o prêmio máximo, para o ano que cursava uma outra de ouro ou de prata. Nós fazíamos o 2.^o ano dos cursos de escultura e do Desenho e conseguimos duas medalhas de bronze, das quais só possuímos uma delas.

Nos últimos anos, em 1930 e tantos, por insistência de alguns professores da Congregação, houve uma Exposição de trabalhos de alunos, mas já não havia medalhas para distribuição e como prêmios fôram distribuídos os Diplomas feitos pelo Professor Cañizares, dos quais a Escola contava um certo número.

A medalha premial da Escola de Belas Artes da Bahia é uma rica e Artística medalha e pelas fotografias que juntamos a êste modesto trabalho, podemos dela fazer a seguinte descrição. (Vide figuras n.^o 1 (verso) e n.^o 2 (reverso).

A medalha é composta de uma parte ouca, mais espessa, na borda e de uma parte central massiça (sólida). Forma uma verdadeira moldura à parte central.

Mede de diâmetro 32 milímetros e na maior espessura, isto é, o círculo externo mede de espessura 3 milímetros e meio.

A medalha é circular e no “anverso” vê-se a figura de Minerva, sentada, em um trono, tendo do lado esquerdo uma



Fig. 1



Fig. 2

esfera ou globo, sôbre o qual ela apoia a mão esquerda estendida e o braço meio fletido. A esfera está, em cima de um livro e êste sôbre um pergaminho aberto repousando sôbre o capitel de uma coluna pequena, talvez os prolongamentos do trono para direita e para esquerda. Na parte mais inferior do pergaminho, nota-se que êle começa a se enrolar. Na base da coluna descobre-se, do lado esquerdo um instrumento de corda (!), semelhante a um violino e, em sua frente, na parte mais dilatada do instrumento, existe uma serpente enroscada sôbre si mesma (na caixa do instrumento).

No lado direito da Deusa vê-se uma coluna semelhante a já descrita do lado esquerdo, tendo na superfície superior uma palma de fôlhas de loureiro ou fôlhas de Carvalho; na base desta coluna ou da ala do trono vê-se uma criança sentada, com a mão esquerda fechada e posta no queixo; o cotovelo esquerdo apoia-se na coxa respectiva. Ao lado da criança descobre-se um outro instrumento, que não se distingue bem qual seja, pelas diminutas proporções do conjunto. E' o que nos parece ser, mesmo a um forte aumento. A Deusa Minerva com o braço direito distendido segura uma corôa (!) de fôlhas de loureiro ou de Carvalho. No fundo do baixo-relêvo e para cima da figura de Minerva destaca-se uma inscrição, em latim: VIRTUTI ET LABORI. O círculo desta parte da medalha mede 23 milímetros de diâmetro. Cercando, ou melhor, circulando essa parte central da medalha, vemos dois círculos canaliculados e ao redor dêstes um círculo completo de pérolas, dois ramos de fôlhas de carvalho, distinguindo-se aqui e ali muitos frutos da mesma árvore uns cheios e outros já vazios (bolotas); êstes ramos são amarrados, no polo inferior, por um belo laço de fitas, dando à figura o aspecto de uma corôa. Em tórno desta corôa — a parte mais espessa da medalha vemos um outro colar de pérolas e finalmente, a borda da medalha. A Deusa tem ao redor da cabeça uma corôa ou um diadema de forma de uma estrêla de nove pontas.

No reverso da medalha, indo da borda para o centro podemos descrever as seguintes partes: os mesmos motivos da face do anverso — a borda da medalha, um colar de pérolas

completo, os dois ramos ou a corôa de fôlhas de Carvalho, com os seus frutos (bolotas) de um lado e do outro, isto é, do lado de dentro e de fora da corôa. Para dentro ainda um colar completo de pérolas. Na parte central correspondente ao anverso observa-se gravada em letras maiúsculas o nome de

ACADEMIA
DE
BELAS ARTES
DA
BAHIA

Ao redor da inscrição acima vemos uma belíssima corôa de fôlhas de Loureiro e de carvalho com os emblemas das belas artes: da Escultura no pólo superior — um baixo relêvo com a cabeça de Minerva, com o material usado em trabalhos de escultura — compassos, esquadros, etc; do lado esquerdo o emblema da Música — estante, clarineta ou a batuta, e diversos instrumentos de música; no lado direito vemos o emblema da pintura — uma palheta com os pincéis e a distribuição das tintas e outros utensílios para a arte da Pintura. No pólo inferior distinguimos uma máscara, com uma larga faixa vedando-lhe os olhos, parecendo assentar sôbre uma lira, tudo isto sôbre um escudo de forma irregular e com os recortes ou bordas enroscados sôbre si mesmo.

Esta descrição foi feita com o auxílio de uma boa lente de aumento.

Os nossos colecionadores, queremos falar, sôbre os maiores colecionadores da Bahia, alguns possuem exemplares desta medalha — que as classificam como das melhores medalhas e guardam-nas com grande carinho. As medalhas de ouro são raríssimas e as que temos visto estão perfeitamente conservadas, em suas caixinhas aveludadas pela parte interna e são classificadas, pelos entendidos, como Flôr do Cunho.